

Diálogos acadêmicos por uma tofília contemporânea da lusofonia - entrevista com o Prof. Lúcio Cunha (CEGOT e Dep. de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra)

Daniel Santiago Chaves Ribeiro¹

¹ Doutor em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNIFAP, Brasil. E-mail: daniel.chaves@unifap.br

RESUMO: Esta entrevista com o prof. Dr. Lúcio Cunha pretende fixar alguns temas de interesse ligados à cooperação luso-brasileira, narrar um pouco da sua trajetória profissional, detalhar o cenário atual dos principais desafios para os estudos em Geografia e também a respeito das possibilidades comparativas de intercâmbio entre Brasil, Portugal, América do Sul e União Europeia. De forma sucinta cabe explicitar que a entrevista se deu no mês de abril de 2016, na cidade de Coimbra, por ocasião da visita do entrevistador ao centro dirigido pelo Prof. Cunha.

Dialogue towards an contemporary academic lusophone tofophilia - interview with Prof. Lúcio Cunha (CEGOT e Dep. de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras - universidade de Coimbra)

ABSTRACT: This interview with Prof. Dr. Lúcio Cunha intends to establish some topics of interest linked to the Luso-Brazilian cooperation, narrating some of his professional career biography, detailing the current situation of the main challenges for the studies in geography and also about the comparative possibilities of exchange between Brazil, Portugal, South America and European Union. In a brief way, the interview occurs on April 2016, and took place in the city of Coimbra, during the visit of the interviewer through the center headed by Prof. Cunha.

Conversar com a Universidade de Coimbra, dialogar com seus pesquisadores e construir agendas conjuntas é uma avenida de enorme potencial para pesquisadores brasileiros. Quando recebido pelo prof. Lúcio Cunha em Coimbra, tive a oportunidade de estagiar através da sua supervisão, revisitando temas clássicos e rediscutindo inovações na pesquisa em Geografia – e nas Humanidades em geral -, sendo a mim oportunizado conhecer mais sobre este Catedrático de fundamental importância para os debates não só em Geografia, mas também no Desenvolvimento Regional, na Ciência e Tecnologia e na Cooperação como campo.

Lúcio Cunha é geógrafo e doutor em Geografia Física (1989). É Professor Catedrático no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Investigador no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, ao longo de mais de 30 anos de carreira universitária tem desenvolvido trabalhos na área da Geomorfologia (Geomorfologia Cársica, Geomorfologia Fluvial e Património Geomorfológico), dos Estudos Ambientais (Recursos Naturais, Ambiente e Turismo, Riscos Naturais) e de Sistemas de Informação Geográfica aplicados ao Ordenamento

do Território, tendo realizado sua Agregação em Geografia em 2002, e tendo coordenado diversos projetos tanto em Portugal quanto em cooperação com o Brasil. Dentre suas principais publicações, constam: 'Olhar o Mundo, ler o território. Uma viagem pelos mapas (colecção Nabais Conde)', de 2004; 'Fragmentos de um retrato inacabado. A Geografia de Coimbra e as Metamorfoses de um País', de 2003, ambos pelo IEG, CEG, Coimbra. Publicou dezenas de artigos e capítulos de livro em periódicos de destaque, foi Diretor do Departamento de Geografia (2009-2011), Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras (2004-2006), Director do Instituto de Estudos Geográficos (1997-1999, 2007-2009), Presidente da Associação Portuguesa de Geomorfólogos (2003-2005), todos na Universidade de Coimbra. Com a palavra, o prof. Cunha.

Daniel Chaves: *O Sr. poderia nos apresentar, de forma livre, um resumo da sua trajetória enquanto docente na Universidade de Coimbra, e antes disto, da sua formação? Muito nos importa conhecer mais sobre o papel dinâmico de um catedrático em uma universidade europeia.*

Lucio Cunha: A minha trajetória na Universidade de Coimbra é a trajetória clássica de um professor universitário em Portugal. Como as universidades portuguesas promoviam (e ainda promovem) pouco a mobilidade de docentes e investigadores, eu, à semelhança de muitos dos meus colegas, fiz todo o meu percurso na Universidade de Coimbra (licenciatura, doutoramento em Geografia Física e todos os concursos académicos até chegar a professor catedrático).

Na sua qualidade de membro academicamente mais graduado da comunidade universitária, o papel de um professor catedrático é um papel misto:

- Por um lado, um professor é um investigador que ensina, ou talvez melhor, deve utilizar uma parte significativa do trabalho de investigação que desenvolve no ensino que faz, envolvendo os estudantes, particularmente os estudantes de pós-graduação, nos seus projectos, quer orientando dissertações e teses, quer mesmo incorporando bolseiros e jovens investigadores nos trabalhos que coordena ou em que se envolve. Trata-se de um processo de cooperação, de discussão activa e de aprendizagem mútua, que em muito beneficia os estudantes e os professores. Se o trabalho de um professor universitário é sobretudo avaliado e reconhecido através da sua produção científica (publicações, participação em reuniões científicas, projectos de investigação), também é verdade que é para os alunos e através dos alunos que se faz muita desta investigação e que são os alunos os principais incentivadores, os críticos mais duros e, mesmo, os amigos que o professor leva ao longo da vida;

- Por outro lado, pela sua idade, pela experiência acumulada ao longo de dezenas de anos de trabalho na universidade, pelas relações institucionais e pessoais que desenvolveu, o Professor Catedrático está sempre a ser solicitado para trabalhos de coordenação e gestão, desde as tarefas mais simples de coordenador de curso, de

membro do Conselho Científico ou de Director de Departamento ou de Unidade de Investigação, até às mais complexas como a gestão da Faculdade, da Universidade ou, mesmo, como acontece nalguns casos, na política autárquica, regional ou nacional. No meu caso, posso dizer que as experiências e gestão pelas quais passei (Direcção da Faculdade de Letras; Coordenação do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território – CEGOT; Direcção do Departamento de Geografia), foram experiências muito positivas, enriquecedoras e que me trouxeram uma experiência fabulosa no modo de compreender o ensino, a investigação e o modo de funcionamento das universidades no meu país e na Europa.

Daniel Chaves: *Quais são os principais desafios do desenvolvimento na área da Geografia, hoje, em Portugal e na Europa?*

Lucio Cunha: A sociedade actual, globalizada, centrada na economia de mercado, muito competitiva a todos os níveis, exige (ou parece exigir) do ensino e da investigação que se faz nas suas universidades uma ciência essencialmente aplicada (e aplicável no curto prazo), lucrativa e, também, muito competitiva. Embora todos saibamos e sintamos que “nada há de mais aplicável que um boa teoria”, a ciência de hoje tornou-se mais pragmática, aparentemente mais objectiva e aplicada, mais normalizada, menos criativa, com exigência de resultados mais rápidos, para citar apenas alguns dos aspectos principais. Isso é verdade para toda a Europa, para Portugal, bem como para a Geografia enquanto ciência de charneira entre os estudos da Natureza e os da Sociedade.

Numa tentativa de responder aos problemas actuais da sociedade e dos territórios, abriram-se novos campos de trabalho na Geografia Humana (ex: Geografia da Saúde; Geografia do Género; Geografia Literária; Impactos de Políticas Públicas) e também na Geografia Física (ex: Geopatrimónio e Geoturismo; Riscos Naturais; Condicionantes Físicas ao Ordenamento do Território), por vezes aparentemente desligados das disciplinas fulcrais da Geografia Humana e da Geografia Física, cujas metodologias e práticas são fundamentais mesmo nestas novas abordagens.

Experimenta-se e fortalece-se a interdisciplinaridade, escorrega-se para a sociologia, a economia, o urbanismo e as ciências da saúde, por um lado, e para a Geologia, a Engenharia e a Biologia, por outro. No entanto, talvez por imperativos de especialização, relacionados com a necessidade de publicação em revistas internacionais indexadas, enfraquece-se a articulação entre Geografia Física e Geografia Humana e esquece-se o espaço, o território e as paisagens como objectos de estudo fundamentais.

A crescente exigência de investigação publicada, a necessidade de inovação a todo o custo, as modas e a volubilidade que também existem em Ciência, levantam alguns problemas à ciência geográfica, mas tornam-na mais aberta, mais pragmática, mais útil, com cartografias mais apelativas... Enfim, uma Geografia mais adaptada aos tem-

pos de hoje e mais valorizada socialmente.

Dada a crescente pressão económica e social sobre o território, dado o aumento das desigualdades regionais, dados os problemas ambientais crescentes, a Geografia desempenha um papel fundamental na gestão do Mundo de hoje. Como afirmou Carlos Augusto Monteiro, nestes tempos de crise, dada a sua capacidade de entender as intimidades entre a Natureza e Sociedade, a Geografia funciona como uma espécie de Medicina da Terra.

Acho que é um pouco por aqui que, com diferentes abordagens temáticas, com diferentes metodologias e com distintas utilidades, se faz o caminho na Geografia europeia, na Geografia portuguesa e, seguramente também, na Geografia brasileira.

Daniel Chaves: *Após algumas décadas de esforços ora afortunados ora inconclusos na direção de uma cooperação mais estreita e endógena entre as nações ao Sul, há ainda horizonte possível para a cooperação científico-tecnológica entre os descolonizados e a Europa? Neste sentido, se o Sr. considerar que sim, quais seriam os desafios e as potencialidades?*

Lucio Cunha: Penso que sim e que resposta é claramente positiva: há e tem de haver um reforço da cooperação científico-tecnológica entre as nações do Sul e as do Norte, mesmo quando entre essas nações há relações passadas de colonialismo. Estas relações entre alguns países da Europa e as suas colónias tiveram com um dos reflexos principais a presença das línguas europeias nos países descolonizados. E a língua é um dos principais veículos de cultura, de ciência e das artes. Em meu entender, tanto ou mais que as relações económicas e políticas, as relações culturais e, particularmente, a língua, têm sido um dos motores relacionais importantes entre o Norte e o Sul. É assim, pelo menos, com os países que falam inglês, francês, espanhol ou português, na Europa, na África ou na América do Sul.

São particularmente expressivos os exemplos da cooperação científica da França e da Bélgica com os países magrebinos e da África Central, ou da Espanha com os países da América do Sul. Para além das relações de “dependência”, quer dizer da formação de mestres e doutores dos países do Sul em universidades europeias e da investigação de ponta realizada por investigadores europeus nos países do Sul, o que se desenha hoje são experiências de cooperação, de articulação e de promoção da ciência feita em cada uma das línguas referidas.

Tive a oportunidade de participar recentemente num Colóquio da Associação Francófona de Geografia Física, realizado na Sardenha e do que vi nas apresentações, nas discussões e no trabalho de campo realizado, ficou-me uma sensação de “festa” de promoção de uma Geografia Física Aplicada feita em língua francesa. Franceses, belgas, portugueses, italianos, romenos, libaneses, argelinos, marroquinos, nigerianos do Níger e da Nigéria, congoleses, mas também investigadores de Madagascar, Burundi, Costa do Marfim, Mauritânia e Camarões, e peço desculpa se não apanhei

todas as nacionalidades presentes, apresentaram e discutiram trabalhos sobre riscos naturais no quadro das alterações climáticas em curso, trocando experiências metodológicas, comparando resultados em diferentes quadros climáticos, políticos e sociais, e tentando tirar partido dessas diferentes experiências para cada um dos casos em estudo.

Na linha de uma Geografia que vem dos tempos coloniais, na Geografia Portuguesa, a cooperação científica tem sido feita sobretudo com Cabo Verde, Angola e Moçambique. Dentro de poucos dias vai realizar-se em Maputo (Moçambique) o Encontro luso-afro-americano de Geografia Física e Ambiente que será um encontro importante do ponto de vista científico, mas que será, sobretudo, uma celebração da Geografia Física feita em português, à semelhança do exemplo feito em francês, acima referido. Os trabalhos em conjunto, a formação pós-graduada, os projectos de investigação têm aproximado as Geografias dos países africanos que falam português, quer com o Brasil, quer com Portugal, num esforço de desenvolvimento que começa a dar frutos. Neste quadro, o papel do Brasil tem sido extremamente importante, quer pelos recursos humanos e financeiros disponíveis, quer pelo facto de não haver uma relação de dependência relacionada com o passado colonial.

Dos estudos comparativos aos ensaios de sabor mais teórico-epistemológico e aos estudos de caso aplicados ou aplicáveis em cada um dos países, são muitas as possibilidades de cooperação entre os países de expressão portuguesa. As potencialidades são muitas pela troca de experiências de trabalhos em diferentes meios geográficos (ambiente; sociedade; cultura; política), com possibilidade de extrapolar resultados e conclusões. Os desafios são também muitos, mas o principal parece ser o da criação e desenvolvimento de uma rede eficaz de Geografia de expressão em português que seja capaz de transportar os saberes criados para o quadro global, dando a conhecer os territórios da lusofonia, os seus problemas e as propostas de solução. Como disse já, acredito que o papel impulsionador deste processo compete sobretudo ao Brasil e a Portugal e, pela intensificação das relações de ensino e investigação na Geografia entre os dois países e destes com os países africanos que falam português, acredito também que o processo está em marcha e a correr bem, dentro das possibilidades.

Daniel Chaves: *Programas de intercâmbio em diversos níveis, desde a graduação até o doutoramento, vêm desempenhando papel central na política de aperfeiçoamento no nível superior da Educação brasileira. Contudo, há fortes e polarizados debates acerca de incentivos como o Ciência Sem Fronteiras, por exemplo. Qual é a avaliação que o Sr., como docente, tem da presença brasileira na Universidade de Coimbra? Caso o Sr. sinta-se à vontade, pedimos considerar possível explicar também a sua visão privilegiada sobre esta presença em Portugal e na Europa.*

Lucio Cunha: A presença brasileira em Portugal é muito marcante a todos os níveis e não poderia ser diferente no Ensino Superior. Trabalhando nos mais diferentes secto-

res de actividade e com forte presença no sector cultural, os brasileiros fazem parte de Portugal, encontram-se bem integrados e, se não fossem as dificuldades económicas que são muitas por aqui, podíamos dizer que a integração era perfeita.

Dos 25000 estudantes da Universidade de Coimbra, cerca de 15% (3800) são estudantes estrangeiros, sendo praticamente 2000 os estudantes brasileiros que estudam entre nós na graduação, em mestrado e em doutoramentos. Para além de serem o maior grupo de estudantes estrangeiros, os estudantes brasileiros são os que mais rapidamente se adaptam, os que mais intervêm nas aulas, os que mais problematizam, comparam e discutem métodos, técnicas e resultados. Penso falar por muitos dos meus colegas ao dizer que os estudantes brasileiros, apesar de muito diferenciados nas competências de base que transportam, são, quase sempre, uma “lufada de ar fresco” no nosso processo de ensino/aprendizagem.

Por outro lado, para o estudante brasileiro, Portugal, que começa por funcionar como uma excelente “zona de conforto”, quer pela língua comum quer pela capacidade de receber do português, vai permitir a entrada na Europa e quase sempre daqui os estudantes viajam (as viagens na Europa são relativamente baratas) para Espanha, França, Inglaterra, Itália e muitos outros países europeus, procurando as raízes, uns, buscando culturas diferentes, outros, num percurso francamente enriquecedor do ponto de vista formativo e do ponto de vista pessoal.

Em síntese, diria que a presença de estudantes brasileiros tem vantagens mútuas: para quem recebe é gratificante ter estudantes diferentes, interventivos, alegres, com quem muito se aprende; para quem chega é o contacto com métodos e alguns temas de trabalho diversos daqueles com que os estudantes têm contacto no Brasil. Mas, mais que o contacto com professores, técnicas de ensino ou métodos de investigação diferentes, é todo o contacto pessoal não só com portugueses, mas com muitos estudantes internacionais, é a possibilidade de viajar e conhecer a Europa. Coimbra é uma cidade pequena, onde cerca de 25% dos habitantes estudam no Ensino Superior. É uma cidade universitária no verdadeiro sentido da palavra que favorece contactos, promove a internacionalização e cria redes consistentes de futuro, por isso é escolhida por elevado número de estudantes brasileiros para a sua experiência internacional.

Daniel Chaves: *A experiência institucional é muito importante hoje no âmbito do desenvolvimento, aprimoramentos e fixação de resultados tecno-científicos das pesquisas profissionais no Brasil, considerando que nas últimas décadas alguns avanços primordiais foram consolidados. Neste sentido, algumas políticas e mensurações têm sido revisitadas diante de discussões que transversalizam os aspectos qualitativos e quantitativos, por um lado, e por outro, do ponto de vista do que há de inovador e socialmente impactante. Neste contexto de abertos debates, como o Sr. vê a possibilidade de trocas interinstitucionais entre Brasil e Portugal na área de pesquisa científica*

ca? Há mais simetrias ou assimetrias? E havendo, como são complementares e mutuamente assistentes?

Lucio Cunha: A possibilidade de trocas interinstitucionais entre as Geografias do Brasil e de Portugal mais que uma possibilidade forte, é mesmo um imperativo para o desenvolvimento do ensino e da investigação nos nossos países e, sobretudo, um meio de afirmar a Geografia lusófona no Mundo.

Claro que há assimetrias e desigualdades entre a qualidade do Ensino e da Investigação no país imenso e diverso que é o Brasil. Como há em Portugal, país muito mais pequeno e menos diverso. Mas, em termos gerais, e tanto quanto me foi possível observar, as Geografias brasileira e portuguesa têm histórias e influências semelhantes, seguem referências internacionais comuns e, nos últimos 20 anos têm vindo mesmo a criar pontos de contacto muito interessantes (colaboração em projectos, participação em redes com outros países, participação em encontros científicos, publicações conjuntas, orientações partilhadas de teses de doutoramento).

Vistas as coisas do lado português e do lado da Geografia Física, que é o meu, talvez se possam referir duas diferenças que traduzirão uma forte complementaridade dos estudos realizados no Brasil e em Portugal. O primeiro tem que ver com o carácter mais marcadamente social da Geografia que atinge muitos estudos de Geografia Física no Brasil (dois exemplos: questões ambientais como o desmatamento e os conflitos do agro-negócio com as comunidades indígenas; segregação social urbana e riscos naturais), enquanto em Portugal os trabalhos tendem para um carácter mais técnico e menos envolvido socialmente. Estas diferentes abordagens, mas também as dimensões das áreas estudadas, implicam por vezes também abordagens conceptuais mais holísticas e integradas no Brasil (os estudos de geossistemas) que em Portugal, onde a Geografia Física está mais vocacionada para estudos disciplinarmente separativos (geomorfologia; climatologia; biogeografia; hidrologia).

Os contactos entre as geografias e os geógrafos brasileiros e portugueses têm, pois muito a beneficiar de uma colaboração mútua, importante também para o desenvolvimento da Geografia em países como Cabo Verde, Angola e Moçambique, onde as necessidades de Ordenamento de Território, tanto no espaço urbano como no rural, têm vindo a fazer despontar uma Geografia necessária do ponto de vista social, político e económico.

A colaboração luso-brasileira na formação, sobretudo na formação pós-graduada, na investigação aplicada, na prestação de serviços e na formação de redes com investigadores nos países africanos de expressão portuguesa será um meio de afirmar internacionalmente uma Geografia feita e escrita em português.

Acredito que este caminho está a ser feito, devagar, mas com passos firmes, em direcção a este objectivo comum.

Entrevista recebida em 29 de maio de 2016.

Aprovada em 01 de junho de 2016.